

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 2

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Mafra. — Breve noticia dos nomes dos artistas mais celebres que trabalharam no edificio de Mafra, desde a criação do monumento até aos nossos dias — (Conclusão) pelo socio sr. JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES..... Pag. 17

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — Parecer sobre a proposta para a criação de cursos de archeologia religiosa — pelo socio sr. VILHENA BARBOSA..... » 20

Necropole da Certoza de Villa Nova — Necropole de Marzabotto — pelo sr. J. P. N. DA SILVA..... » 22

A proposito das mumias americanas expostas no Museu do Carmo — (continuação) pelo Dr. BALDY..... » 26

Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal, appartenant à l'architecture du moyen âge. Avec 45 planches et fac-similes..... » 29

Chronica..... » 31

Noticiario..... » 32

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

MAFRA

Breve noticia dos nomes dos artistas mais celebres que trabalharam no edificio de Mafra, desde a criação do monumento até aos nossos dias.

(Concluido do tom. V, n.º 1.º pag. 13)

Discipulos de Giusti

— «Antonio Pecoraro, seu cunhado, trabalhou pelo tempo de nove annos na escola de Mafra; inclinando-se depois á musica, saiu para Napoles.

— «Roberto Luiz da Silva, natural de Lisboa.

— «Salvador Franco, de Mafra, trabalhou pelo espaço de 12 annos na escola; mas sendo despedido por causa de travessuras, deu-se ao estudo da engenharia, e morreu em Matto Grosso.

— «Lourenço Lopes, de Mafra, estudou 16 annos, e trabalhou, especialmente, no grande retabulo da *Sacra Familia*.

— «José Joaquim Leitão, de Mafra, fallecido em 1805.

— «Alexandre Gomes, da Picanceira, no concelho de Mafra, fallecido em 1801.

— «José da Silva Pevides, de Mafra, fallecido em 1785; trabalhou na escola durante 19 annos.

— José Patricio, de Mafra, filho de Pedro Antonio Luquez, admittido em 1767; deixou o seculo em

1803, e entrou no mosteiro dos conegos regantes de Santo Agostinho. Este homem respeitavel, cujo nome pronuncio com o maior acatamento e veneração pelas lições que me dispensou, falleceu na mesma villa de Mafra em 30 de dezembro de 1840, na idade de 86 annos, e jaz ahi sepultado.

— «João José Elveni, de origem allemã, natural de Lisboa.

— «Francisco Leal Garcia, de Santarem, fallecido em 1814.

— «Silverio Martins, de Linda a Pastora, fallecido em 1795.

— «Joaquim Antonio de Macedo, de Lisboa, onde falleceu em 1820 com 70 annos de idade; trabalhou na escola de Mafra pelo espaço de 10 a 12 annos.

— «Braz Toscano de Mello, natural de Alvito no Alemtejo, e ultimo director da escola de Mafra; casou n'esta villa e teve tres filhas e um filho que foi para o Brazil, e era ali official da marinha de guerra. Braz Toscano não só modelava com perfeição, mas fez tambem muitos trabalhos d'esculptura, e d'entre elles são muito para notar as lunetas, em alto relevo, para as capellas lateraes do templo. Falleceu na mesma villa de Mafra em março de 1823, com 79 annos de idade.

— «José d'Almeida fez, em madeira, o Santo Christo e anjos de adoração para a capella-mór, os quaes foram depois substituidos pelos de marmore que ora existem. O Almeida estudou em Roma, e falleceu em Lisboa no anno de 1769, tendo mais de 60 annos de idade.

— «Manuel Dias, discipulo de Manuel d'Andrade, fez em madeira as imagens, de grandeza natural, para os nove andores que constituem a procissão da Ordem Terceira de S. Francisco. Falleceu em março de 1754.

— «João José de Aguiar, natural de Bellas, em 1785 foi para Roma onde estudou com Labruzzi, e José Angelini; voltando á patria em 1798, occupou o lugar de esculptor da fundição, e ali fez as primorosas banquetas de metal, cruz, castiças e relicarios para a capella-mór da basilica de Mafra, além d'outras peças, taes como os thuribulos e as naves, de trabalho assás delicado.

Escóla italiana

Esta escóla está representada pelas 54 estatuas de grandeza acima do natural, collocadas no atrio e no templo.

São todas de marmore de Carrara, assignadas — com datas de 1730 a 1732 — pelos seguintes artistas: Ticiati; Jacob Baratta; Joannes Baratta; S. Martinez; J. Franzi; J. Fortini; B. Vacca; J. B. Mayni; B. Ludovicus; Bracci; Montanti; Faggini; Barbierus; Pincellotti; Monaldi; Piemontini; Corsini.

Comparadas as duas escólas, a nossa excede a italiana.

Pintores

— «Trevisani, celebre artista discipulo de Zanchi, nascido em Capo d'Istria em 1680, é o auctor do quadro da capella-mór, que representa a Virgem depondo o Menino Jesus nos braços de Santo Antonio. Trevisani falleceu em 1746.

— «Ignacio de Oliveira Bernardes, filho de Antonio de Oliveira Bernardes, nasceu em Lisboa em fevereiro de 1695, e ahí falleceu em janeiro de 1781. São obra d'este artista o quadro que representa S. Francisco recebendo as chagas, e se acha no altar da sacristia; os dois quadros dos oratorios do palacio; e o quadro da Virgem com o Menino, e Santo Antonio, na portaria-mór do convento. Oliveira Bernardes estudou em Roma, onde foi discipulo de Lutti, e de Mathei. O seu estylo é demasiadamente brando, mas o desenho é muito correcto.

— «Pedro Bianchi, auctor do quadro que representa Christo, a Virgem, e os patriarchas S. Domingos e S. Francisco, e se acha na portaria-mór do convento. É um quadro de grandes dimensões, e de muito merecimento. Bianchi nasceu em Roma em 1694, e ahí falleceu em 1740.

— «Pedro Antonio Quillard fez o painel da Cêa para a capella do Campo Santo, e o do Lava-pés que está na capella do Paço; o seu estylo é vigoroso. Quillard nasceu em Paris em 1700; tendo vindo para Portugal, foi nomeado pintor do rei e desenhador da academia, com o ordenado de 60\$000 réis mensaes. Falleceu em Lisboa em 1733.

— «Agostinho Massucci, italiano, nascido em 1671, e fallecido em 1758, pintou o quadro da Sacra Familia, e o de Nossa Senhora e os Santos Martyres, existentes hoje na capella do Paço. Este ultimo é um famoso trabalho.

— «Giaquinto Corrado, italiano, pintou o painel de grandes dimensões, que representa a Coroação da Virgem, e que tambem se acha na referida capella. O seu estylo é demasiadamente brando.

— «Sebastião Conca pintou o famoso quadro da — Conceição — que existe na sala dos actos. É um trabalho magnifico; o estylo é delicado, mas vigoroso, e tem admiravel transparencia de colorido.

— «Francisco Solimena, discipulo del Polo, pintou o quadro da — Crucificação — obra de alto merecimento pela delicadeza de execução, pela suavidade das tintas, e sobretudo pela expressão de verdadeira dôr que as figuras exprimem; esta peça acha-se hoje na galeria da Ajuda.

Solimena nasceu em Nocera de Pagani no anno de 1657; falleceu em La Barra em 1747.

— «Francisco Vieira Lusitano pintou em grande painel uma Sacra Familia para a Capella dos Sete Altares, e que — segundo diz Cyrillo — foi regeitada pelas intrigas dos seus emulos. Braz Toscano de Mello possuiu d'elle um Santo Antonio, peça magnifica que hoje se acha em poder do sr. Firmino de Moraes Cardoso, de Lisboa, como herdeiro do fallecido conego Moraes Cardoso, que o houve por compra feita á familia do Toscano. Vieira Lusitano nasceu em Lisboa em outubro de 1699. Diz Cyrillo que Vieira, passados apenas os annos da puericia, déra signaes de que seria tão extremoso amante como insigne pintor. As suas aventuras amorosas são muito sabidas. Em 1774 perdeu elle a sua querida esposa, D. Ignez Helena de Lima e Mello, que falleceu em Mafra em 22 de agosto d'esse anno; cheio de dôr retirou então para Lisboa, onde falleceu em 1783.

Pinturas a fresco

Os frescos das salas do palacio de Mafra são obra dos seguintes professores:

— «Cyrillo Volkmar Machado, nascido em Lisboa em julho de 1748, tendo estudado com seu tio João Pedro Volkmar, partiu para Roma onde se demorou até 1777; voltando então para Portugal, foi em 1796 encarregado de dirigir as pinturas das salas do palacio de Mafra, recebendo uma pensão annual de 720\$000 réis. São obra de seu pincel o tecto da sala

da audiencia, e das três salas contiguas. Volkmar Machado foi também escriptor, e publicou diversas obras sobre pintura, esculptura e architectura. Falleceu em 1823.

— «Domingos Antonio de Sequeira nasceu em Belem, em 1768; tendo frequentado a aula regia de desenho, onde obteve alguns premios, partiu para Roma, chegando a essa cidade em 1788. Ali ganhou um primeiro premio da academia, e foi recebido academico de merito. Em 1796 regressou á patria; e em 1802 foi nomeado primeiro pintor da Camara e Côte, com o ordenado annual de dois contos de réis. Em Mafra pintou os bellissimos quadros representando episodios de batalhas, na antiga sala da audiencia no palacio. São o melhor trabalho de pintura que ali se encontra. Sequeira, que em Roma foi discipulo de Cavalluci, foi em Portugal mestre da princeza D. Maria Thereza, sendo-lhe dado o habito de Christo. Sob a sua direcção foram executados os trabalhos da preciosa baixella offerecida a Wellington. As suas obras e o seu nome são venerados em Portugal e no estrangeiro. Este homem notavel, que na historia da arte deve ser collocado ao lado de Rembrandt, como diz Racksinsky, falleceu em Roma no mez de março de 1837. O seu retrato acha-se no museu da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, no Carmo em Lisboa; e a sua biographia, perfeitamente escripta pelo sr. marquez de Sousa, foi publicada no jornal *Artes e Letras*. O nome do illustre Sequeira vae continuando respeitado nas suas obras, e nas pessoas de sua muito digna familia que ainda existem.

— «Manuel da Costa nasceu em Abrantes em 1755, e foi discipulo de Simão Nunes; pintou algumas das figuras allegoricas no palacio, mas não concluiu os trabalhos, porque foi para o Rio de Janeiro em 1811.

— «Bernardo Antonio de Oliveira Goes, natural da Lobagueira, freguezia da Encarnação, concelho de Mafra; em 1796 foi admittido como ajudante de Cyrillo, e fez no palacio algumas pinturas nos tectos das salas, e executou algumas figuras allegoricas.

Pinturas a oleo

Houve nas salas do palacio seis grandes quadros, que hoje existem no Rio de Janeiro, pintados pelos seguintes artistas:

— «Francisco Vieira, natural do Porto, foi discipulo de Corvi, em Roma, onde ganhou um primeiro premio em 1791. Tendo casado com uma senhora da familia Bartolozzi, voltou a Portugal em 1802; falleceu na ilha da Madeira no anno de 1805, com 40 annos de idade. O quadro que executou representa Duarte Pacheco defendendo o passo de Camblão.

— «Archangelo Foschini fez o quadro que tem

por assumpto *Vasco da Gama desembarcando em Calecut*. Foschini nasceu em Lisboa em 1771; estudou na aula do Rocha, e em 1788 passou a Roma, onde foi discipulo de Labruzzi, e ali ganhou um premio. Em 1792 voltou para Portugal e falleceu em 1834.

— «Bartholomeu Antonio Callisto pintou o quadro, cujo assumpto é: *D. João de Castro triumphando de Jussar-Kan*. Callisto estudou na aula do Rocha, e, passando a Roma ali foi discipulo de Labruzzi. Em 1797 voltou para Portugal, e aqui falleceu no mez de junho de 1821.

— «José da Cunha Taborda, natural do Fundão onde nasceu em abril de 1766, foi discipulo do Rocha; e foi também pensionado, estudando em Roma com o Labruzzi. É d'elle o quadro que tem por assumpto *Antonio da Silveira obrigando a levantar o cerco de Diu*. Taborda falleceu em junho de 1836.

Os restantes dois quadros são — um de Sequeira representando os Almeidas que derrotam Cutialle em Panane; o outro de Cyrillo que representa Affonso de Albuquerque edificando a fortaleza de Cochim.

Bibliotheca

Manuel Caetano de Sousa foi o architecto que delineou e dirigiu os magnificos trabalhos na famosa sala da bibliotheca de Mafra. Era filho de Caetano Thomaz, de quem foi também discipulo; sendo nomeado architecto das obras publicas e do infantado, recebeu a patente de coronel de artilheria, e teve o habito de Aviz. Manuel Caetano falleceu em 1802 com 64 annos de idade.

Orgãos

Joaquim Antonio Peres Fontana, e Antonio Xavier Machado foram os reconstructores dos seis famosos orgãos que existem no templo. A ornamentação metallica foi feita no nosso arsenal; os medalhões e algumas outras peças fôram modeladas pelo italiano Carlos Amatucci. Este artista veio para Lisboa em 1804, e sendo admittido no real serviço, falleceu em 1809.

Carrilhões

Nicolaus Levache, e Guilhelms Withlockx foram os artistas que construíram em Antuerpia, no anno de 1730, os soberbos carrilhões que se admiram no grandioso edificio; as duas peças são perfeitamente eguaes, e modeladas pela mesma fórma. Levache veio a Portugal, e dirigiu os trabalhos de uma fundição de sinos que se estabeleceu no Campo de Santa Clara, em Lisboa.

Para-raios

D. Joaquim da Assumpção — O Velho — conego regente de Santo Agostinho, dirigiu os trabalhos da collocação dos para-raios no edificio, no anno de 1787.

D. Joaquim foi socio da Academia Real das Sciencias e escreveu muitas e interessantes memorias.

Falleceu no anno de 1793.

Depois das epochas que ficam apontadas nada mais se fez notavel, no palacio de Mafra, até aos reinados da senhora D. Maria II, e do senhor D. Pedro V em que, sob a direcção do distincto architecto sr. Joaquim Possidonio N. da Silva, se prepararam condignamente os aposentos reaes no pavilhão do sul, e as duas salas para receções.

N'este nosso pequeno estudo, imperfeito talvez pela deficiencia de varios recursos, não tivemos outro intuito senão o de apontar os nomes dos homens que, trabalhando no grandioso monumento, ex-

hibiram ali as suas produções artisticas. Faltarão alguns. O nosso trabalho despertará o louvavel desejo a pessoa competente para que, ou corrigindo os erros — se os houver — ou preenchendo as faltas, possamos afinal ter conhecimento das altas capacidades artisticas a quem é justo render o devido preito.

Não deve a archeologia — com quanto seja esse o seu fim — tratar sómente dos productos materiaes que povos antigos nos legaram, deve tambem não consentir que fiquem no olvido os nomes d'aquelles que mais se distinguiram no progressivo desenvolvimento das obras de arte.

Mafra — 1885.

O socio

J. CONCEIÇÃO GOMES.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Na sessão de assembléa geral em 10 de fevereiro d'este anno, foi apresentada pelo socio o sr. Possidonio da Silva uma proposta para que se solicitasse dos Prelados portuguezes que estabelecessem nos Seminarios do reino cursos de archeologia religiosa. Tendo sido admittida esta proposta, foi nomeada uma commissão para dar o seu parecer. D'essa commissão foi eleito relator o sócio sr. Ignacio de Vilhena Barbosa.

Na sessão immediata foi lido o parecer do referido socio e a assembléa approvou que elle fosse publicado no nosso boletim. N'esta conformidade o transcrevemos em seguida :

Os monumentos historicos ou simplesmente artisticos são os marcos que assignalam os passos, mais ou menos firmes, vagarosos ou apressados, que os povos vão dando no caminho da civilisação. Porém, não se pense que, relativamente a esses padrões, a cultura de uma nação deva ser avaliada sómente pela significação d'elles, por mais gloriosa que seja, ou por mais que se aprimorasse n'elles a arte, mas sim tambem pelo apreço e respeito com que essa nação vela pela sua conservação.

Sobreleva Portugal a todas as nações na alta significação dos seus monumentos, porque não commemoram unicamente façanhas militares e virtudes christãs e civicas, communs a outros povos. Não recordam só mil acções de valor, de coragem e de abnegação, praticadas na defesa da patria, ou para alargamento das suas fronteiras, ou para honra e lustre do seu nome. Mas fallam tambem os

nossos monumentos d'essas arrojadissimas empresas de navegações e descobrimentos, com que os portuguezes abriram de par em par as portas á moderna civilisação, levando a luz do evangelho, atravez de mares ignotos, ás mais longinquas regiões do globo.

Quasi todas essas glorias, que doiram as paginas da nossa historia, foram memoradas por nossos maiores com a fundação de um templo, acaanhado e singelo, ou grandioso e opulento, segundo o permittiam a rudeza dos tempos, ou a florescencia da nação, bem como o animo e posses dos fundadores.

As convulsões do solo, a pouca illustração dos reedificadores, e modernamente a sanha brutal dos demolidores, tem destruido ou desfigurado muitas d'essas auctorisadas testemunhas dos tempos heroicos de Portugal. Este vandalismo, que nos degrada do gremio das nações cultas, não está, infelizmente, ainda de todo proscripto d'entre nós. Os poderes publicos ainda não prestam aos nossos monumentos toda a attenção e vigilante solicitude que, para a sua conservação, elles demandam, e a honra e bom nome do paiz com tanta justiça reclamam. E não basta que se attenda á conservação dos monumentos commemorativos dos grandes factos historicos, e ao mesmo tempo opulentos d'arte. Merecem o nosso apreço e cuidados todos os padrões, que interessam, de qualquer maneira, aos annaes da nação e á historia da arte.

Não obstante os diferentes elementos de destruição, que tem actuado entre nós, ainda existem de pé n'este reino não poucas egrejas anteriores á fundação da monarchia, ou contemporaneas do nosso primeiro rei, ou construidas sob o sceptro dos seus

immediatos successores. São pequenos e de construção mesquinha todos esses templos, tendo por feição principal a mesma simplicidade e pobreza, que distinguem n'essa epocha o viver da nação. Todavia, embora o acanhamento das proporções, e a simplicidade da architectura corram parelhas com a pobreza das memorias historicas, todas essas igrejas são exemplares de subido valor para a historia da arte em Portugal, tanto mais quanto é tristemente certo, que os grandes templos, levantados nos principios da monarchia, têm sido mascarados e desfigurados, por occasião das reedificações, como aconteceu ao de Alcobaça, á Sé de Lisboa e a outros, ou desapareceram, como o de Santa Cruz de Coimbra e o de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, para em seu logar se edificarem outros mais vastos e mais sumptuosos.

Pois essas preciosas reliquias de tão remota antiguidade que têm resistido ao duro embate das tempestades no correr de tantos seculos, zombando até agora dos cataclysmos da natureza e dos furores do camartello, acham-se presentemente ameaçadas, pelo menos algumas d'ellas, de perderem, em reconstrucções dirigidas sem amor da arte, e sem respeito aos monumentos de remotas eras, as suas primitivas e venerandas feições.

E ao mesmo passo vão desaparecendo das velhas parochias sertanejas as suas antigas alfaia, vendidas por uma bagatella, a titulo de alcançar meios para reparação do edificio, e os seus vasos sagrados dos seculos anteriores ao xviii, de muita belleza e primor artistico, a troco de outros de fabrica moderna, mais luzentes e vistosos, porém destituídos da formosura e elegancia das fórm, e da delicadeza e perfeição do trabalho esculptural, que dão fóros universaes de preeminencia á ourivesaria, principalmente dos seculos xv e xvi.

Os compradores d'objectos d'arte e de industria, antigos, que vem a Lisboa todos os annos do estrangeiro, sobretudo de França e da Allemanha, percorrem as nossas provincias em todas as direcções; apparecem em todas as cidades, nas villas e nas proprias aldeias, tentando com dinheiro á vista os possuidores d'essas preciosidades, que não sabem apreciar-as, desconhecendo-lhes o valor.

É mister por honra do paiz, e por exigencia imperiosa dos interesses publicos, que se trate de pôr algum cobro, quando não possa obstar-se inteiramente, á assolação ou deformação d'aquelles monumentos da antiguidade, e a esta continua expropriação das nossas riquezas artisticas, documentos irrecusaveis do alto gráo de florescencia nas artes, e por conseguinte de civilisação, que Portugal atingiu n'esse glorioso passado.

Um dos meios inquestionavelmente mais adequados, seria oppôr a essa torrente devastadora a il-

lustração e o zelo dos parochos, illustração e zelo provenientes de conhecimentos especiaes para saberem apreciar aquelles objectos, ricos d'arte e de memorias piedosas, que os estranhos nos cobiçam, e que os nacionaes malbaratam por ignorancia.

Se os parochos tivessem algumas noções da archeologia religiosa, não consentiriam, certamente, que as suas igrejas perdessem, com feições bastardas, o typo primitivo que as ennobrece, nem haviam de tolerar, que fossem despojadas, por compra ou troca, dos seus vasos sagrados e alfaia antigas, que são nos templos verdadeiros brasões da sua nobreza, e testemunhas authenticas, eloquentes na sua propria mudez, do amor da religião dos nossos antepassados, que n'elles se casava com o amor da patria. E não limitariam esses parochos a sua acção benefica, sem duvida, a salvaguardar as preciosidades artisticas das suas igrejas; mas não deixariam tambem, em casos identicos, de dispensarem aos parochianos os conselhos do seu saber e da sua experiencia.

Foram estas considerações retemperadas pelo affecto que todos devemos á terra, que nos serviu de berço, e ás santas crenças, que recebemos dos maiores, que moveram esta Real Associação a elevar ao esclarecido juizo dos Prelados portuguezes o pedido de instituirem nos seus respectivos seminarios uma cadeira de archeologia religiosa.

É uma sciencia muito complexa a archeologia, não ha duvida, pois que cada uma das partes, que a compõem, e que se subdividem, a seu turno, em outras partes de materia amplissima para o estudo, constitue um ramo importante dos conhecimentos humanos, que demanda muita applicação para ser bem sabido.

Porém, no que diz respeito á archeologia religiosa é um estudo muito limitado, facil e agradável, e que pode restringir-se, querendo abrevial-o, estabelecendo o ponto de partida da invasão dos povos septentrionaes e destruição do imperio romano; ou dos tempos mais proximos da fundação da monarchia portugueza. O que é mister é que se dê nos seminarios aos futuros parochos a instrução precisa para que conheçam os differentes estylos architectonicos, empregados nos templos do christianismo; a época da sua introdução em Portugal, e as modificações, que tiveram aqui, determinadas pelo estado da nossa civilisação e pelos habitos e costumes da sociedade. É indispensavel tambem ministrar-lhes eguaes conhecimentos em relação á ourivesaria religiosa, e ás mais artes liberaes e mechanicas, que, no correr da era christã, têm concorrido com os seus productos para o serviço dos altares, e para a ornamentação das igrejas.

Os parochos assim instruidos não deixarão de

apreciar devidamente, e de velar com verdadeiro zelo pela conservação dos edificios e dos objectos concernentes ao culto, venerandos pelas tradições religiosas e pela consagração dos seculos, e dignos de grande estima pelo seu valor artistico ou archeologico.

Lisboa, 27 de abril de 1886.

O Socio

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA.

NECROPOLE DA CERTOZA DE VILLANOVA (ITALIA)

PROXIMO DA CIDADE DE BOLONHA

Tivemos occasião de estudar o cemiterio etrusco proximo de Bolonha, situado em *Villanova*, o qual foi descoberto em 1853 n'uma propriedade do sr. conde Gozzadini, presidente do Congresso; tendo sido feitas todas as investigações sob a direcção d'este sabio archeologo.

Em uma epocha mais recente a população que primitivamente habitou nas terramares, veio a fazer mais tarde grandes progressos industriaes. O uso de ferro ajuntou-se ao de bronze. Com o ferro, appareceu a necessidade de servirem-se do torno e do forno do oleiro, o que conseguiram fazer; sendo facil reconhecer os novos depositos pelo exame dos fragmentos da louça de barro, que apresenta uma fôrma mais regular, tendo estrias concentricas e mostrando uma cozedura mais completa e muito mais uniforme, o que dá ao barro a sua côr encarnada. A descoberta do cemiterio da *Certoza* de Bolonha veio proporcionar conhecer-se de uma maneira positiva quaes eram os costumes, os usos, as crenças, d'essas populações extinctas já ha tantos seculos, causando-nos tanta curiosidade como grande admiração ver esses productos que nos deixaram, e que as incessantes investigações dos archeologos nos fizeram conhecer e apreciar.

Suppõe-se ter existido, no sitio de Villanova, a primitiva cidade etrusca, a antiga Felcina; e se d'ella temos unicamente conhecimento pela morada dos mortos, é porque a cidade que pertenceu aos vivos, não nos podia deixar nenhum vestigio, pois era apenas composta de casas mesquinhas, mui pouco solidas, não estando ainda conhecido o emprego da cal e da argamassa; como nos vieram comprovar as escavações feitas nas terramares. Das habitações romanas que appareceram muito tempo depois, posto que fossem grandes, de maior resistencia, e muito bem construidas, todavia é raro encontrar-se os vestigios envoltos em alguns montões de entulho.

Ha n'este cemiterio etrusco quatro feitiços differentes de sepulturas; umas construidas com seixos e lages de grés; outras que têm sómente seixos,

sendo as que são feitas só de lages em menor numero, enquanto as que estão divididas sómente pela separação da terra, apparecem em quadruplicado numero.

As sepulturas construidas com os seixos ou lages, foram desde a sua origem, para ficarem soterradas (cobertas de terra), como se fazia com as outras simples sepulturas; pois que foram umas e outras encontradas ao mesmo nivel, estando todas soterradas a 1^m,14; portanto o solo d'esta localidade tem variado muito desde a remota epocha em que serviu de cemiterio.

O interior das sepulturas construidas com materiaes (grossos seixos sem cimento algum, mas trabalho esmerado), continha um pequeno recinto no qual estavam depositados diversos objectos.

Os cadaveres foram queimados, havendo uma unica urna cineraria para conservar os restos dos ossos humanos carbonisados. A altura d'estas urnas varia entre 39 e 18 centimetros. A terra que se encontra dentro é mais negra que encarnada.

Estãs urnas estão ornadas com desenhos gravados em concavo. As urnas estavam todas cobertas por uma especie de tigela com azas que se suppõe foram quebradas no acto do enterro.

Em todas as urnas era muito raro acharem-se dentes. A um canto havia diversos objectos em bronze, mostrando terem estado expostos ao lume.

Quasi sempre nas sepulturas formadas de lages, havia, em roda da urna, outros vasos de barro, não sendo nunca o seu numero superior a 8. Mesmo nas sepulturas sómente construidas com terra, havia egualmente esses vasos de barro; sendo para notar que eram estas sepulturas e as outras formadas de seixos, em que appareciam maior numero d'estes vasos. Nas sepulturas mais ricas, achava-se um montão de vasos inteiros e quebrados entre 20 e 40, tendo a altura de 38 centimetros.

Os ornatos mais repetidos n'estas urnas eram gregas com desenhos mui complicados. Foram gravadas em concavo quando o barro estava ainda molle. Outras urnas tinham rodellas com cruces alternadas entre ganços e bonecos, collocados em zonas, repetidos e tudo gravado em concavo. Pequenas serpentes em feitiço de S apparecem gravadas em quasi todas as urnas, assim como nos outros objectos de metal, como emblema de immortalidade.

Os ganços, posto que grosseiramente indicados, eram para symbolisar que o espirito dos mortos tinha de atravessar a terra, o ar e agua para gosarem o repouso; bem como *volateis* d'esta especie vivem n'esses tres elementos. Enquanto á representação das figuras com a cabeça larga e acachapada, o corpo secco e hirtto, sem se lhes haver indicado as extremidades das mãos e dos pés, sup-

põe-se que representavam os espiritos dos parentes do fallecido. Das tigelas que cobrem as urnas, algumas são de barro preto e de qualidade muito fina; as outras são toscas e encarnadas. As poucas tijelas sem azas também não tinham ornato algum.

As urnas com duas azas são mui raras.

Uma fôrma muito exquisita é a de varias peças cylindricas de louça de barro, divididas no meio por um diaphragma, parecendo formar dois calices unidos em sentido inverso. Eram também muito raros entre os outros objectos, tendo a côr encarnado escuro. O genero dos seus ornamentos era o mesmo empregado para as urnas, porém mostrando mais trabalho e feito com mais esmero. As tampas, tão raras nas terramares, são n'este cemiterio pelo contrario em grande numero, e de fôrmas mui variadas.

Ha pequenos potes sem azas, tendo o fundo redondo e abaulado: são muito communs e encontram-se 3 ou 4 na mesma sepultura.

A louça de barro descoberta em Villanova, tinha 18 marcas diferentes; menos as urnas, nas quaes não appareceu signal algum. Também se descobriu uma nova fibula de bronze.

Todos esses vasos accessorios das sepulturas encontravam-se vãos. Apenas em um pires havia ossos de ovelhas, de boi, porco e javali sem mostrarem terem estado expostos ao lume. Finalmente duas cascas de ovo de gallinha foram também achadas dentro da mesma sepultura e junto á urna.

Algumas avelãs foram tiradas das cinzas; estando as mais das vezes dentro das urnas com os ossos calcinados.

Diversos outros objectos que continham as sepulturas, eram principalmente de bronze; todos amontoados e postos de proposito, ficando juntos ás urnas. Apenas as fibulas e os alfinetes do cabello estavam dentro d'ellas proximo da boca da urna.

Entre as peças maiores e mais peizadas em bronze, se encontraram umas chapas com o feitio de uma secção de sino; do comprimento de 125 a 160 millimetros e da largura de 107 a 130, com uma grossura por igual de 5 a 8 millimetros. São curvas na base, e na parte superior têm um remate composto de uma pequena haste que termina por uma argola. Estão ornadas sobre as duas faces, com a impressão de pequenas serpentes, gravadas, todas eguaes e semelhantes entre si, porém irregularmente alinhadas. Apparecem quebradas dentro das sepulturas. Foi na occasião do enterro que se partiram. Junto a estas peças sempre se encontra um cylindro, em bronze, tendo nas duas extremidades uma maçaneta igualmente feita de metal. Uma d'estas maçanetas era furada, correspondendo o buraco á parte aberta do corpo do cylindro. Estes

cylindros juntamente com as maçanetas serviam para bater sobre a chapa, a qual ficava suspensa pela argola, imitando o som do tantano, instrumento que parece ser usado nos funeraes.

Havia um machado com azas, notavel pela grandeza da sua lamina, e principalmente pela sua diminuta grossura, e esta igual em todo elle.

N'uma outra, muito mais grossa, porém bonita pela sua forma quadrada, as azas conservavam os vestigios de terem servido com cabo de madeira. Outra estava quebrada e torcida singularmente.

Nos tumulos de Villanova appareceram:

Machados de ferro, com o mesmo feitio, mas de diferentes tamanhos. Entre os mais pequenos o cabo era de bronze.

Pezos de æs rude; dinheiro sem effigie, e sem cunho, inteiramente de feitio tosco, tendo de peso entre 64 grammas, 12 e 12,52. Quatro eram quasi um quadrado, estando ao lado da urna cineraria. Foi encontrado em uma sepultura rica em objectos de metal e em louça de barro.

Tambem alguns pregos de bronze, de cabeça convexa, ornada com uma bella cruz, muito bem desenhada.

Muitos braceletes; o maior numero de bronze, tanto maciços como ôcos. Alguns eram de ferro, e também de osso. Os diferentes tamanhos d'estes braceletes fazem ver que pertenciam a homens, a mulheres e a creanças.

Outros instrumentos de bronze do feitio de meia lua, com um pequeno cabo com argola. Suppõe-se serem navalhas para rapar a cabeça, nas ceremonias funebres. Nunca appareceram dous d'estes na mesma sepultura, estando postos sobre a cinza em que se depositava a urna com os ossos calcinados.

Uma cousa muito curiosa de se notar, vem a ser que em todas as combinações feitas para ornar os fundos apparentes d'essas diversas louças de barro, apparece a configuração bem indicada da cruz, posto que por diversos modos combinada a sua forma. A mais simples é formada pelo encruzamento de series de linhas parallelas, cortando-se em angulo recto. Algumas vezes entre os braços da cruz ha pequenas caudas redondas.

Quando este enfeite está também no fundo interno dos potes, têm no meio uma rodella um pouco hemispherica, e as diferentes linhas parallelas, concavas para formarem a cruz, vem findar contra o relevo da rodella. Outras rodellas apresentam circulos concentricos, ornando o fundo, em lugar de estar liso. Também ha outros, em que a figura da cruz está indicada por duas ordens de dentes concavos encruzando-se, etc., etc.

A repetição d'estas cruzes, que se encontram quasi na metade dos fundos das talhas descobertas e principalmente observando a variedade com que

foram executadas, demonstra que este feitio na louça de barro das terramares não é obra do acaso; mas sem duvida derivada de uma intenção bem determinada, e que para essas populações teria um sentido particular. Este facto é bastante curioso, pois que tudo que se tem tirado das terramares da epocha do bronze, não tem nenhuma relação de pertencer a um culto qualquer.

Havia folhas de facas de bronze ou, para melhor dizer, em cobre, resultado de detida analyse. Outras facas de ferro estavam muito estragadas, porém eram maiores que as outras de bronze.

Appareceram varias bolas massiças de bronze tendo uma argola, com a forma espherica. Serviam talvez de pesos para se poder traçar os fatos. Igualmente se encontraram outras bolas de barro, como as que se encontravam nas terramares.

Ao pé d'essas bolas havia cylindros com duas cabeças em barro preto muito fino, feitas com muito esmero; apparecendo sempre aos pares, desde 2 até 20 na mesma sepultura, e collocados dentro da urna; ou então postos sobre as cinzas. A maior parte tinham as cabeças ornatadas, representando cruces de diferentes feitios.

Encontraram-se diversos alfinetes para os cabellos, quasi todos sem terem já cabeça; outros com as cabeças muito grandes em bronze, cheias de uma certa massa; tambem os havia esmaltados de diversas côres. Alguns tinham a cabeça destruida pela acção de fogo: isto faz ver que uma parte dos objectos passavam pela fogueira; enquanto outros não eram expostos ao lume, pois que se encontravam alguns feitos de ambar, materia muitissimo fragil e combustivel. Rara era a sepultura que não tivesse dous d'estes alfinetes. Geralmente estavam depositados sobre a aza das urnas, quando em posição vertical; ou sobre o gargalo junto da boca, quando a urna estava deitada horisontalmente.

Os objectos mais abundantes eram as fibulas. Estes alfinetes de colchetes, que não havia na epocha do bronze, foram muito communs no principio da epocha do ferro. O maior numero era feito de bronze e de feitios muito variados. Os mais pequenos eram macissos, e os outros formados por laminas de pouca grossura; estando o interior inteiramente cheio de uma massa similhante á dos alfinetes. Os seus ornamentos eram muito variados, ainda mais que as suas formas; posto que simples, mas graciosos, eram gravados em cavado, em aresta, ou em relevo: quasi todos têm esses enfeites, porém sem nenhuma representação de objectos naturaes. O metal está bem trabalhado, apresentando o polimento de aço fosco.

Ha tambem outras fibulas formadas de pequenas contas de vidro azul com tres circulos de esmalte amarello. Algumas estiveram expostas ao fogo,

achando-se as contas de vidro deformadas e soldadas umas ás outras por causa da elevada temperatura a que estiveram expostas.

Acharam-se algumas combinadas com ossos e ambar, ficando alternadas; ou a fibula toda feita de osso, com enfeites de pequenas contas de ambar, fixadas á superficie.

Estas fibulas pertenceram a individuos de todos os sexos e de todas as idades, como indicam os seus tamanhos tão variados.

As fibulas estavam muitas vezes juntas aos pares, ambas perfeitamente eguaes; e eram collocadas immediatamente sobre os ossos. Algumas sepulturas tinham 10, 14 até 20 e 30 fibulas; entre ellas muitas estavam quebradas e torcidas.

Não se encontraram armas nas sepulturas de Villanova; o que faz suppor ser esta população extremamente pacifica.

No meio d'estas sepulturas de cadaveres queimados, encontraram-se 14 esqueletos inteiros, posto que fossem da mesma epocha e estivessem enterrados entre as outras sepulturas e na mesma profundidade; todos tinham os pés virados para o Oriente. Os ossos estavam ainda bastante consistentes, de maneira que se conhecia muito bem qual a sua posição.

Quatro d'estes esqueletos tinham por baixo da nuca duas fibulas, e entre o hombro esquerdo e a cabeça uma unica louça de barro.

Um esqueleto de mulher tinha no dedo um anel formado de uma só rosca; tres fibulas uma debaixo da nuca, outra adherente ao buraco da orelha, e uma outra sobre o peito (externum): duas bolas de barro junto do pé esquerdo, e duas defezas de javali postas sobre as clavículas, a ponta revirada para a barba.

Um unico esqueleto de homem estava de joelhos descançando o corpo sobre os calcanhares e os braços encruzados sobre o peito, levantada a mão esquerda para a boca, e a outra sobre o ventre; no punho tinha bracelete de ferro.

Não estarem esses ossos calcinados, mostra que pertenciam estes esqueletos a gente pobre que não teve os meios necessarios para fazer a despeza da fogueira, e por isso foram enterrados d'aquelle modo.

Estas sepulturas suppõe-se que datam de 714 annos antes da vinda de Christo; ha todavia fortes razões para as considerar ainda muito mais antigas; porque em todas ellas não se encontrou o menor vestigio de louça pintada, que tanto caracteriza a epocha etrusca; nem mesmo a louça negra pertencente á sua primeira civilisação, nem tão pouco frasquinhos de vidro. Dos idolos tão abundantes na Etruria, apenas se descobriram aqui dois, que foram sem duvida transportados de outra parte; as-

sim como não appareceram caracteres escriptos. As fibulas de colchetes não tinham feitiço curto e largo como eram tão abundantes nas estações etruscas e igualmente não apresentavam os anéis engastados como elles usavam. Portanto o cemiterio de Villanova offerece todos os caracteres que se encontram nas terramares, que são intermediarios entre os depositos da época do bronze e aquelles onde se encontram os vestigios positivos da occupação etrusca; vindo pois a pertencer á primeira época de ferro, e n'este caso este cemiterio é seguramente anterior á fundação da nova Etruria.

NECROPOLE DE MARZABOTTO

Na valle do Rheno, a 27 kilometros de Bolonha, existe uma planura que tem o nome de Misano, na qual desde o anno 1350 se tinham encontrado por acaso varias antiguidades, porém então não havia despertado a curiosidade, pois que os estudos archeologicos ainda não tinham começado para se apreciar como mereciam essas descobertas. Em tempos menos remotos, 1831, novos achados de pequeninas estatuas de bronze e outros objectos importantes chamaram a attenção dos homens da sciencia; todavia foi sómente em 1862 que se principiaram a fazer investigações bem dirigidas pelo illustre sabio o sr. Conde de Gozzadini; e tão importantes descobertas se fizeram, que o proprietario d'esta antiga Necropole julgou que os membros do Congresso de Archeologia estimariam ir examinar o terreno em que havia estes remotos vestigios dos antigos habitantes da Etruria, para o que lhes dirigiu um convite afim de julgarem a importância d'aquella descoberta. Sem duvida alguma é na Etruria Central o deposito mais curioso e interessante para o estudo da archeologia; não deviamos omittir uma descripção d'essa Necropole, e dos variados e ricos objectos n'ella descobertos, mesmo para nos familiarisarmos com as formas que lhes são proprias e nos habilitarmos a distinguil-os dos outros de differente época, assim como nos iniciarmos nos usos e costumes dos habitantes d'essa antiga era.

A disposição d'esta Necropole é formada de encruzamentos de paredes mixtas, construidas de seixos sem cimento. Algumas vezes são duplicadas essas separações, ficando divididas por estreitos fossos com pouca profundidade, os quaes estão calçados tambem com seixos, e os lados guarnecidos por telhas. Ficavam 25 centimetros debaixo do chão; a largura das paredes, era de 40 a 60; e algumas, ainda que em pequeno numero, chegavam a ter 2 metros, sendo só a sua profundidade no solo de

1^m50, vindo pois a formar, por esta disposição, um vasto xadrez de covas com differentes dimensões. Muitas estavam cobertas pelos restos dos seixos da calçada com pouca grossura. Havia vestigios de duas espaçosas avenidas, que pareciam dividir a Necropole de Leste a Oeste, e do Norte ao Sul.

Dentro das covas se encontrou grande quantidade de cacos de louça tosca, poucos de louça fina e da pintada, e abundancia de telhas chatas. Estas telhas sem duvida haviam servido para formar em separado os cofres sepulchraes, conforme outros que se encontravam intactos, os quaes continham cinzas em varias camadas, e muitas pequenas urnas funerarias, além de azas pertencentes a vasos; outros eram de bronze; e sobre tudo estatuasinhas e peças de *aes rude*. Havia sempre dentro das sepulturas grandes urnas, o maior numero quebradas, as quaes teriam servido para conservar os restos da fogueira e da incineração, pois havia dentro cinzas e ossos queimados, terra preta e pegadiça, proveniente da decomposição dos corpos dos animaes. Havia tambem muitos esqueletos humanos, dos quaes 6 tinham armas postas a seu lado. Appareceram poços funereos, cobertos de lages, contendo esqueletos d'homens e de animaes, bastantes ossadas e paos do ar serrados, tanto dos animaes domesticos, como dos bravios.

Os poços funereos, achados na parte mais elevada da Necropole, são de um feitiço singular, e os primeiros descobertos na Italia. Ha alguns semelhantes a estes em diversos pontos da França; mas pertencem a uma epocha menos antiga, pois são todos posteriores á conquista romana, confirmados pelos objectos que n'elles existiam. Alguns d'estes poços de Marzabotto differem pelo feitiço, pois que em lugar de serem cylindricos, como geralmente são construidos, teem uma fórmula de amphora sobre o comprido, ou como se imitassem o feitiço d'um badalo de sino! A sua profundidade varia de 2,^m25 a 10,^m25; sendo a sua abertura de 30 a 77 centimetros, e construidos de pequenos seixos agudos sem cimento, collocados com grande esmero. (V. o desenho.) Um d'estes poços estava assente sobre a antiga superficie da Necropole por um rectangulo de 4,^m36 e 1,^m20 de alto, construido de grandes pedras sem argamassa; tinha degraus para subir a elle, talvez para celebrar sobre o defuncto as *silicernias* annuaes.

Estes poços encerravam de um a tres esqueletos humanos, uma grande urna, vasos de bronze e barro (alguns pintados), e diversos objectos; entre outros uma lagea funerea, sobre a qual estava gravado um nome etrusco. Dentro havia muitas camadas de ossadas de animaes, a saber: do grande e pequeno boi, de ovelha, de cabra, de porco, de cão, de gato, veado, lebre, cavallo, burro e

sapo; havia cascas de marisco e bocados de armas de veado, porém serradas.

Outros sepulchros eram feitos de grandes tijolos do feitio de caixa com tampa angular, contendo esqueletos e objectos de enfeites de valor. Finalmente 170 sepulturas em forma de cofre construídas com grandes lajes de trufo lavrado, contendo quasi todos os restos da fogueira, muitos diversos objectos, e sobretudo vasos pintados, outros de bronze, em alabastro e em vidro, estatuetas, espelhos em bronze e enfeites de ouro. No mais pequeno d'estes sepulchros havia 57 objectos d'este metal.

Os principaes objectos descobertos em 1831 são:

Estes ou cippos ornados de cornijas em tufo, sendo specimens de architectura notaveis, muito raros na Etruria Septentrional.

A base em marmore de uma columna sepulchral com 4 cabeças de carneiro esculpidas nos angulos de uma maneira toda primitiva, e que parece ter relação ao culto de *Ammon*, nome que os povos da Lybia davam a Jupiter.

Uma estele funerea em grés, onde estava esculpido, em baixo relevo, um corpo de mulher vestida de uma tunica e de um pallium (a toga grega), na attitude de levar aos labios uma *patera* (pires para beber vinho), principiando a libação aos deuses acheronticos (infernaes). Esta estele é uma das mais notaveis não sómente na Etruria, por causa do objecto representado, como pela maneira antiga da esculptura, e sobre tudo por dar a certeza de que foi trabalho executado n'aquella localidade.

Muitas *antefixas* com pequenas palmas em relevo e coloridas (modelo), as quaes serviam para os remates dos tumulos.

Cacos de vasos pintados, principalmente *cotyles* (vasos que serviam para medir a porção dos remedios) tendo figuras pretas sobre fundo encarnado, ou figuras encarnadas sobre fundo escuro.

Alguidares de barro para cobrir as urnas.

Vasos em alabastro para perfumes; outros de vidro colorido, encontrados nas sepulturas de mulheres.

Espheras achatadas em pedra calcarea, nas quaes ha gravadas 3 linhas parallelas; sobre a outra 4 linhas tambem parallelas; e outras tendo um X; serviam para pesos.

Muitos milheiros de bocados de *aes-rude*, que foi o primeiro meio legal de se trocar pelos generos, e o primeiro passo para realisar a moeda, dinheiro; o seu peso é 10 a 249 grammas.

Cestas de bronze, de uma fôrma particular á Etruria. Serviam de urna para se guardarem os ossos calcinados.

Uma perna inteira d'homem, de bronze, é um

objecto votivo bastante curioso.

Espelhos em bronze ornados de folhagens; apenas havia dois na Etruria.

Braceletes em bronze, outros de ferro e um de prata, os quaes estavam ainda enfiados no radium de esqueletos.

Dados para jogar; uns, pretos, de barro, outros de osso, dos quaes alguns são singulares pela sua forma parallelipipeda. Encontram-se semelhantes no Oriente, mas differentes pela disposição dos numeros d'aquelles como sempre estão marcados os dados gregos e romanos.

Pequenas cabeças de mulher, e de animaes em relevo, que provavelmente serviram de amuletos.

Anéis de differentes feitios de bronze, prata e ouro; alguns com pedras preciosas.

Finalmente, grande quantidade de craneos humanos foram achados n'esta Necropole, posto que esmigalhados.

De todas as ossadas de animaes ajuntadas, para se conhecer a que especie pertenciam, só de 18 se pôde reconhecer a raça. Resultou d'este estudo, que a do boi de pequenas armas, que presentemente não existe na Italia, era então muito commum n'aquelle tempo; assim como duas especies de cabra com os chifres muito grandes. Tambem havia em Marzabotto o cão e o porco silvestre, o javali, o veado, a cabra montez e o urso, de maneira que a fauna d'este paiz teve modificações depois da epocha d'esta Necropole.

J. P. N. DA SILVA.

A PROPOSITO DAS MUMIAS AMERICANAS EXPOSTAS NO MUSEU DO CARMO

(Continuado do n.º 1, tom. V)

No tempo da pedra polida o corpo era amortilhado na cortiça branca de certas arvores, coberto com placas de mica, mettido entre lousas á guisa de uma caixa de pedra, aonde tambem encerravam com elle suas armas, utensilios de pedra, manilhas de aço, e talismans, como se tem encontrado nas antigas sepulturas do Peru.

Na idade do bronze, na Europa, os cadaveres eram sepultados em troncos de arvores, escavados em fôrma de piroga, ou queimados, e as cinzas guardadas n'uma urna.

Todos estes monumentos funerarios, e processos de sepultação, eram destinados, sob uma idéa religiosa, á conservação do cadaver.

Assim, desde os tempos sem tradição, pelo que nos revela a paleographia granitica, fosse a sepultura uma gruta, uma caverna, o macisso de uma floresta ou o recinto de um templo, encontramos sempre n'esses comoros de terra montões de pe-

dras, cellulas, obeliscos, pyramides, a idéa de um futuro posthumo, o emblema da immortalidade, o orgulho da divinisação.

Procurando para o seu morto a sepultura, n'essa espontanea manifestação, mostra o homem respeitar os restos do seu semelhante, e honrar a sua memoria.

De todas as sepulturas antigas as mais celebres e sumptuosas foram as egypcias, assim como nenhum povo ainda as igualou na edificação dos mausoléos, na arte de embalsamamentos, na decoração dos esquifes.

Agora mesmo os specimens dos corpos preparados por embalsamamento como preservação contra os estragos da putrilagem, resistem ha milhares de seculos, com espanto nosso ao seu desfazimento.

Porque sabiam que o tempo tudo envolve em feral mortalha para uma causa final, crença intima, pedra fundamental de toda a philosophia antiga e moderna; como receiassem, que o seu pó se misturasse com as cinzas da humanidade e sem epitaphio, caisse no eterno tumulo do olvido; ou que, de geração em geração, redemoinhasse á feição dos ventos, sobre as cabeças dos nossos vindouros, a intuição natural, a sciencia adquirida, inspirou-lhes um dogma, ensinou-lhes o culto, abriu-lhes a sepultura, para receber um corpo embalsamado.

A esses corpos seccos, mirrados ou embalsamados, se tem dado o nome generico de mumias.

A palavra — mumia — que na lingua arabe se escreve — muin — e significa cêra, foi apropriada, pelo decurso dos tempos, a designar genericamente todo o cadaver, quer de homem, quer de animal, que se encontre resequido, e desfeito a pelle e ossos; seja pelas qualidades da terra de inhumação, ou por embalsamamento de substancias adstringentes, e odoríferas, com o fim de evitar a podridão; por isso, n'estes casos, tambem Saumaise a deriva do vocabulo persa — *amom* — perfume.

O embalsamamento, qualquer que fosse o processo empregado, era feito em porfias de preservar o cadaver de corrupção e devoramento de vermes. N'este caso a mumificação era artificial; ha outros, porém, em que a conservação dos mortos é devida a causas accidentaes.

Podem notar-se tres especies de mumias, as de cadaveres, que foram reduzidos pelas reacções physico-chimicas ou dos terrenos em que jazeram, ou dos sarcophagos em que foram sepultados.

Seja exemplo, o que na chronica de el-rei D. Manuel, relata Damião de Goes: «O infante D. Henrique, cardeal, no anno de 1555, sessenta annos depois do fallecimento do glorioso rei D. João, mandou abrir a sua sepultura, e n'ella viu o seu corpo inteiro e d'elle sahir suavissimo odor.»

Tambem as dos supplicados, cujos cadaveres por muito tempo estiveram suspensos nas forcas,

pela influencia do sol, e dos ventos seccos se consomem mirrados.

Finalmente muitas provém de caminheiros, que nas caravanas, atravessando os grandes desertos da Africa e da America, foram envolvidos pelas tempestades de areia e sob ellas, pela ardencia do clima, reduzidos a corpos seccos.

Todavia a palavra — mumia — melhor se emprega, e de preferencia, conforme a etymologia arabe, para significar o cadaver do homem ou de qualquer animal, embalsamado por um processo particular, e conservado para incorrupção.

E assim grande é a dessimilhança entre os cadaveres seccos pela influencia do sol, e da atmospherica, ou conservados pelas reacções chimicas da sepultura ou preservados da putrilagem por adstringentes, anti-putridos, balsamos, resinas e aromas.

Mesmo em relação aos processos antigos e modernos, ha grandes diferenças, tanto na preparação dos mortos como tambem nos agentes empregados, e assim no methodo e execução do embalsamamento.

Sem nos demorarmos sobre os methodos de embalsamamentos modernos ao alcance de todos, reuemos até aos tempos da tradição e da historia antiga, e archivemos o que n'essas remotissimas eras occorreu de mais verosimil e notavel.

Nos longos periodos das idades da pedra até á do bronze, os homens, muito comparaveis n'alguns habitos, praticas e recursos da existencia com a selvageria actual das tribus da Polynesia, dos sertões da Africa, e das florestas e desertos da America, segundo a raça, vida pastoril, nomada, guerreira, ou lacustre, vislumbres de moral e de religião, sem ritual, a não ser a do amor e de respeito pelos seus mortos, sepultavam, queimavam ou dessecavam os cadaveres.

Os dois processos, soterramento e cremação, foram, no principio da humanidade, os mais seguidos; e o ultimo o mais hygienico, porque previne o inquinamento dos ares de mephytismos, e a nocividade das aguas pelo infiltramento da putrilagem nos terrenos.

Melhor fôra, para salubridade publica, a incineração dos cadaveres, do que dal-os á terra, mas a isso se oppõem os dogmas de cultos religiosos, e os ritos e funeraes de enterramentos privativos; pelo que as urnas e lacrimatorios caíram em desuso.

E os restos humanos, recolhidos em dolmens cellulares nas Indias, em tumuli nas Americás, em hypogeus no Egypto, em cromleks, como na Bretanha, ou queimados, qual ainda hoje se pratica na Australia, foram sempre guardados para commemoração e recompensa.

O saimento do defunto era um acto simples, necessario e esperançoso, e fazia-se, conforme a dôr do coração, que era então o verdadeiro luto da familia.

Mais tarde, as tribus transformadas em nações, a toante da civilisação e do culto religioso, fizeram exequias aos seus mortos, com funeraes de honras, de festas publicas, de apotheoses, e sempre, o peor e mais horrivel de tudo, com sacrificios cruentos, degollações de homens e de animaes.

Das mais antigas civilisações admiramos ainda hoje os destroços e ruinas de templos, de circos, de amphitheatros e de fortalezas. Fóra da religião e da guerra poucos são os edificios notaveis e de utilidade publica.

Assim, para julgarmos da mumificação, funeraes e sepulturas no velho Egypto, dos seus grandiosos monumentos, construidos ha mais de quatro mil annos, nos reinados dos primeiros Pharaós, bastanos revolver as ervas e roçar os matos, que cobrem as magnificas cidades de Memphis e de Thebas; ou ir ao fundo das montanhas descarnar os hypogeus que serviram para sepultamento dos antigos habitantes das margens do Nilo.

Ao pensamento do theocrata, á voz do hyptha, a musculosa mão do arabe troglodyta, sem escopro de ferro, metal ainda desconhecido, arrancou da rocha viva esses enormes pylones, de que se formaram as pyramides, soberbas pelo assombro de grandeza, os alevantados obeliscos, os dromas de androsphynges; e essas cylindricas ou polygonas columnas de capiteis, em forma de sino voltado ou quadrangulares, com enfeites brutescos, á guiza de caryatides, para supportarem, na profundeza das montanhas, as galerias e salas d'esse palacio sepultural, em cujas abobadas e paredes se esculpiam em affigurados e cinzelados relevos as divindades do ritual isiaco, circumdadas como de ornatos pelos quinhentos hieroglyphos do elegante alphabeto egyptiaco.

Essas collossaes pyramides, que sobre as areias de Gyzeth erigiu o orgulho dos Pharaós nas faustosas monarchias theocraticas, e que assistiram a vinte e cinco esplendorosas dynastias, foram as sepulturas do famoso Cheops, de Cephrem e de Mycerinos.

Esses gigantes de pedra, testemunhas de guerras fraticidas, das pragas de Moysés, da fuga dos Israelitas, das conquistas de Alexandre, das torpezas de Cleopatra, do assassinato de Pompeu, ouviram em 1798 a eloquente apostrophe do bravo general Bonaparte, que, á frente de um punhado de heroes, destroçou esses feros mamelucos, defensores do despotismo musulmano; e vêde-as ainda agora firmes e solertes como phantasmas do cego despotismo ao estrondo dos canhões aguardar a hora

de redempção moral que em fraterno amplexo una as castas e iguale os povos, a cumprir-se a prophcia de Moysés ao atravessar o mar das Algas, guiado por uma columna de fumo.

Estes monumentos funebres, desde as pyramides e mausoléos que affrontam os horisontes do mundo, até ás syringes e hypogeus, escavadas nas entranhas da terra, foram fabricados para receber as mumias dos predestinados.

O embalsamamento dos cadaveres era, no antigo Egypto, obrigatorio. Nas capitaes, conforme as leis civis e o culto isiaco, e segundo a pragmatica e ritual, a mumificação dos reis, magnates e opulentos fazia-se com magnificencia; os cadaveres além de embalsamados, ungiam-nos com aromas.

Comquanto esta pratica fosse geral nas grandes cidades e nas províncias, não se creia que os mortos do povo fossem assim preparados.

Os mais humildes, como sempre, e os miseros escravos podiam apenas contar com uma escavação no interior da montanha. Os seus cadaveres, pobremente enfaixados n'um panno de grosseria, e asphaltados, endurecidos como pedra, com o rosto resequido e da côr do ebano, eram depositos sob uma camada de areia e carvão, para obterem uma completa incorruptibilidade.

Processo fóra este seguro, se não fóra demorado e dispendioso, porque hygienicamente nos livrara dos males dos cemiterios.

Estes embalsamamentos, quer pobres, quer sumptuosos, essas ostentações funerarias, não foram sómente a consequencia do ritual e das civilisações orientaes, como tambem são o reflexo apaixonado do amor de familia e do respeito pelos mortos, em que os que sobrevivem significam no ultimo adeus a saudade que lhes fica.

Os processos custosos de embalsamamento, de ornatos, de cartonagens, de esquifes e decorações de sepulchros e hypogeus, exigiam a intervenção de muitos, e especiaes artistas, como eram esculptores, architectos, pintores, aderecistas, douradores, ourives, marceneiros, armadores, oleiros e hyeroglyphitas, que, arredados das capitaes, viviam agrupados em povoações distinctas, com bairros demarcados para suas differentes officinas.

Por exemplo: Defronte da famosa Thebas, das cidades de cem portas, hoje em ruinas mal definidas...

«Cadano le citá, cadano i regni.

Copre Thebe, e Carthago erba ed arena.»

Da outra banda do Nilo avistava-se uma grande povoação, os Memnovias, que se empregavam exclusivamente nos embalsamamentos, e mais artificios funerarios.

Os embalsamadores, conforme a hierarchia social, apresentavam á familia do finado os seus mo-

delos de mumificação, em figuras de madeira ou em quadros de pintura, que, á raza de preços, podia escolher, como bem lhe aprazia e convinha.

Apoz o contracto, suppondo um embalsamamento magnificante, esses restauradores dos estragos da morte procuravam conservar no cadaver todas as reminiscencias da sua vida physica e moral. Em conformidade com os monumentos funebres, a que impunham o sello da eternidade, assim com a mumificação preparavam o defunto para a immortalidade.

Cada embalsamador tinha a sua attribuição especial.

O paraschiato, com um instrumento obliquo, em forma de pinça, extraía, pelas narinas, o cerebro; e após enchia a cavidade craneana de puro licor de cedria. Em acto continuo, com uma faca de obsidiana da Ethiopia, praticava uma larga incisão no flanco direito, por onde lhe arrancava as visceras, que, lavadas com vinho de palmeira, e envolvidas em pós aromaticos, eram fechadas em urnas de marmore oriental ou de argilla com bellos lavores e pinturas.

A cavidade do ventre era cheia de algodão embebido em balsamos e perfumes, excepto do incenso, e por onde tambem introduziam estatuetas de barro, esmaltado de symbolismo e talisman. Logo depois unia os labios da incisão abdominal com pontos de sutura.

Entrançava-lhe os cabellos para ulterior arranjo; e assim preparado o cadaver, o entregava ao colchyto, que o immergia n'um banho geral de natrum, por não menos de trinta dias, nem mais de setenta. Findo este praso de salmoura, era o corpo bem limpo e lavado com vinho de palmeira, ungido de perfumes e entregue ao tarischenta, que o enfaixava, segundo a cathegoria do personagem, com todo o esmero e admiravel artificio, como mais adiante veremos.

E assim embalsamado o defunto, e depositada a mumia no jazigo, tal fascinação promovia o seu aspecto ao profanador, tal prestigio ao antiquario, que explorava o seu recesso funebre, que a muita gente preoccupou a idéa de que, nas mumias, por immanencia, havia um espirito, independente da alma, que lhe vitalisára o corpo, e que, por uma reacção physico-chimica do novo plasma, adquirira qualidades magneticas e sympathicas a servir de nómia ou de talisman, contra certas calamidades physicas e moraes.

Tal foi a voga d'estas crenças, e tantas as abusões medicas, que preconisavam as suas reliquias como remedio e esconjuro contra doenças nervosas, que o bom preço por que se vendiam as mumias egypcianas, vindas pelo Levante, convidou a avidez dos judeus e a traficancia dos gregos, a prepa-

ral-as ficticias, seccando em fornos os cadaveres, induzidos de pós de myrtha, de aloes caballino e de outras drogas.

(Co tinua)

DR. BALDY.

É este *Boletim* um repositório de importantes noticias scientificas e artisticas, e na sua principal direcção tem sido incansavel o venerando presidente da real associação dos architectos e archeologos, sr. Possidonio da Silva. Prestando homenagem ao merecimento de tão illustre cavalheiro, começamos agora, com permissão de s. ex.^a, a reproduzir uma memoria por elle escripta em 1868, que foi impressa em separado, mas que é possível, é talvez certo, nem todos os nossos assignantes conhecem. Eis o notavel trabalho a que nos referimos:

MÉMOIRE DE L'ARCHÉOLOGIE SUR LA VÉRITABLE SIGNIFICATION DES SIGNES QU'ON VOIT GRAVÉS SUR LES ANCIENS MONUMENTS DU PORTUGAL, APPARTENANT A L'ARCHITECTURE DU MOYEN-ÂGE. AVEC 45 PLANCHES ET FAC-SIMILES.

En faisant publier le résultat de nos recherches sur l'interprétation qu'on peut donner aux différents signes avec lesquels les ouvriers tailleurs-de-pierre ont marqué les pierres des édifices, qui ont été bâtis en Portugal pendant le moyen-âge, et qui existent, non seulement sur les monuments religieux, mais aussi sur les civils, c'est dans l'intention de tâcher de découvrir si la signification supposée qui leur a été attribuée, est ou non la véritable. On les a regardés comme des signes symboliques, vu que dans ce temps-là, les ouvriers tailleurs-de-pierre et les maçons étaient rassemblés et initiés secrètement dans les mystères difficiles de leurs métiers. De cette manière ils étaient seuls capables de construire ces hardis édifices, ces monuments extraordinaires qui excitent encore aujourd'hui notre grande admiration; malgré que ce ne soit plus un mystère de connaître les règles de la stéréotomie, ni la manière de donner la stabilité nécessaire pour assurer la solidité de ces grandioses édifices, que nous ont laissé les générations éteintes du XI au XIV siècles, et qui méritent nos tributs d'éloges pour les travaux qu'ils ont exécutés à cette époque.

Désirant connaître à fond l'origine de l'invention de ces signes, il est de notre devoir d'éclaircir ce point autant que possible; et pour le rendre plus facile nous publions un grand nombre de ces marques, que nous avons copié de plusieurs édifices qui existent dans ce pays, et par leur comparaison on aura aussitôt la preuve, que ce que quelques personnes avaient pensé sur cette question assez confuse, était dénué de tout fondement; ce qu'il

faut sans doute attribuer à n'avoir encore paru aucun travail comparatif pour aider à trouver quelle serait la signification de ces divers signes. Nous n'avons pas la vanité de déchiffrer cet énigme, mais tout simplement de tâcher de faciliter le moyen pour qu'une autre personne plus intelligente et plus érudite puisse résoudre cette question si problématique jusqu'à présent.

Monsieur le Comte de Raczynski a été le premier qui a fait graver dans son remarquable ouvrage *Les Arts en Portugal* trois planches avec quelques signes copiés du château de *Freixo de Espada à Cinta*, de ceux de *Moncorvo*, de *Numão*, de *Lamego* et de *Beja*; il est disposé à croire que ces signes étaient choisis par les *franc-maçons* pour se reconnaître; parceque les ouvriers qui appartenaient à cette société, et qui pendant le moyen-âge parcouraient l'Europe Centrale pour exercer leurs métiers, bâtirent les monuments du style ogival. Nous avons fait imprimer d'autres signes dessinés d'après les plus remarquables édifices du Portugal, pour les mettre sous les yeux des amateurs qui se livrent aux études de l'archéologie; et en même temps nous voulons faire voir qu'on ne saurait admettre l'opinion de ceux qui ont cru que leur signification était maçonnique.

Les édifices que nous avons choisis pour copier ces signes sont: le *château de Leiria*; l'église de *Sainte Croix*, et celle de *Sainte Clara* (l'ancienne); la *Cathédrale* (l'ancienne) de la *Ville de Coimbra*; l'église de *Saint Jean d'Alporan*; celle de la *Graça* et de *Saint François* de la ville de *Santarem*; les églises de *Saint Jean*, *Sainte Marie de Oliveira* et celle du *Couvent* de la *Ville de Thomar*, les *Cathédrales* de *Lisbonne*, *Porto*, *Braga*, *Guimarães* et *Evora*; les églises et les couvents de *Batalha*, de *Belem*, d'*Odivellas* et de *Setubal*; l'église du *Carmo* de *Lisbonne*; le *palais royal* de la ville de *Cintra* et l'*ancien cloître* faisant partie du *château* de S. M. le Roi D. Ferdinand, dans la même ville; ainsi que les signes des *châteaux* de *Numão*, *Lamego*, et *Moncorvo*, copiés d'après l'ouvrage de Mr. le Comte Raczynski.

La première chose à remarquer, c'est que tous les signes gravés sur ces différents édifices ne sont pas identiques; quand tous les archéologues sont d'accord sur la fondation de ces sociétés maçonniques, qui étaient chargées de faire ces constructions, et qu'elles jouissaient de tant de considération jusqu'à recevoir la très-puissante protection des ordres religieux, et encore celles des Princes et des Papes.

En second lieu, pourquoi ces ouvriers *franc-maçons*, qui marchaient tous ensemble pour aller exécuter leurs travaux, même ceux de leur pays et ailleurs, se transportant avec leurs familles dans les pays étrangers, auraient-ils mis ces signes

sur les pierres puisque tous leurs compagnons se connaissaient pour leurs associés?

Car il n'y avait que *les initiés* ou *affiliés à leurs loges*, qui étaient admis à prêter concours à faire ces belles constructions; et pouvoir de cette manière se protéger réciproquement, comme de loyaux frères, et surtout *conserver entre eux les secrets de leur métier*. Pourquoi donc montrer ces marques à tout le monde, si c'était (comme on dit) dans l'intention de se reconnaître pour *franc-maçons*, si tous ces ouvriers se connaissaient déjà pour *frères*? Et d'ailleurs leur était-il permis de rendre publiques ces signes, s'ils étaient réellement ceux du Rite dans lequel ils avaient été initiés?

En dernier lieu, si ces signes étaient positivement caractéristiques de l'*ordre maçonnique*, ils devaient sans aucun doute paraître identiques sur tous les édifices; parceque le *quadre hiéroglyphique* étant composé d'un certain nombre de figures, et la maçonnerie n'ayant au commencement qu'un seul Rite, ce devait être nécessairement qu'ils auraient employé dans les cas urgents pour se reconnaître, ou se correspondre; mais jamais pour s'en servir inutilement, et les exposer aux regards du public, ou des *profanes*.

De la réflexion attentive sur toutes ces objections, et aussi parce qu'il existe une si grande diversité de ces signes, nous croyons déduire une preuve assez positive pour nous convaincre que ces figures ne sont nullement symboliques, et ne sauraient avoir aucune signification complète; car, pour cela il aurait fallu que ces signes fussent gravés dans un certain ordre; cependant on ne trouve cela aucunement sur les édifices que nous avons examinés, et dont nous présentons les marques: on les voit au contraire placés sur des pierres à différentes hauteurs et sans qu'ils aient aucun rapport entre eux, et d'ailleurs un grand nombre se trouvent placés dans une position contraire, malgré qu'ils soient semblables pour la forme. Nous nous réservons d'expliquer ici, après, la raison de cette ressemblance des signes entre eux; ainsi que le motif pour lequel les mêmes signes se trouvent plusieurs fois répétés sur quelques-uns de ces monuments!

Il est hors de doute, que l'habitude de graver ces marques sur les édifices du moyen-âge en Portugal, était une chose très-nécessaire; car on ne saurait supposer que cette constante répétition ne fut qu'une puérilité, que ce fut un sot amusement de la part de tant d'ouvriers de marquer des pierres en si grand nombre, et sur tous les édifices, sans qu'il y eût pour cela une nécessité obligatoire. Nous tâcherons dans ce mémoire de donner une explication plausible, en attendant une autre plus convaincante; nous offrons celle qui nous a le plus

frappé dans nos recherches minutieuses; si elle ne satisfait pas entièrement les amis de la science, peut-être appellera-t-elle l'attention des personnes plus compétentes, qui la feront dériver d'une autre

origine, et dont les érudites démonstrations par leur véracité entraîneront la conviction de tous.

(A suivre.)

LE CHEVALIER J. DA SILVA.

Havendo tambem obtido auctorisação do auctor d'esta memoria para extractarmos periodos da correspondencia que teve com diversos homens de sciencia, tanto nacionaes como estrangeiros, a quem consultou ácerca da interpretação que deu aos signaes gravados nas pedras das construcções executadas nos monumentos da idade-media; julgamos interessante fazer igualmente conhecidas as importantes apreciações de pessoas tão respeitaveis pela sua illustração.

Sr. — é todavia de parecer a generalidade dos membros d'esta corporação, a quem o folheto de v. foi presente — que o serviço prestado revela da parte de v. um trabalho importante, do qual deverão por ventura conseguir-se vantagens para o estudo da archeologia. — José Ernesto de Carvalho e Rego, vice-reitor da Universidade de Coimbra.

Monsieur. — Le conseil de la Société archéologique d'Athènes ayant pris dernièrement en considération votre livre intéressant sur les signes qui se trouvent sculptés sur les constructions du moyen âge, vous a admis avec grand plaisir au nombre de ses membres correspondants.

Nous avons, monsieur, toute la confiance dans votre zèle pour la science, que vous voudrez bien continuer à concourir au but scientifique de la dite Société. Philippe Jeans. — Etienne Coumanouds.

Sr. — Recebi e agradeço o opusculo de v. ácerca dos signaes gravados nas pedras dos antigos edificios.....

A. opinião de v. acho-a fundada em boas razões e extremamente sensata.

Santarem, 1 de outubro de 1868. A. Herculano.

Sr. — o valioso presente que v. me quiz fazer, da sua interessante e muito curiosa Memoria, que eu muito agradeço. Posso, porém, assegurar a v. que eu muito admirei a paciência, o zelo e a intelligencia com que v. procedeu no trabalho insano de colligir, classificar e desenhar uma tão numerosa e variada multidão de Jeroglíficos, extrahidos de tantos edificios antigos notaveis, espalhados por toda a superficie d'este nosso Portugal, e tendentes a reconstituir e descortinar a linguagem symbolica dos architectos e pedreiros d'aquellas remotas idades. — Lisboa, 17 de novembro de 1868. — Conde da Carreira.

Sr. — não ter ainda agradecido o mimo com que me prendou da sua interessante memoria sobre os signaes gravados nos nossos monumentos architectonicos.

Li com bastante gosto o seu trabalho que attrahe agradavelmente o interesse; e a critica apurada com que o assumpto é tratado, atêa a claridade por entre as trevas da historia das bellas artes em o nosso paiz e em um ponto inteiramente desconhecido, com credito de quem o tratou com tanta proficiencia. — Visconde de Jurumenha. — 6 de novembro de 1869.

Monsieur le chevalier. — Je suis très disposé à m ranger à votre avis et il me paraît très probable que les signes en question ne sont pas autre chose que ce que vous supposez et n'ont rien de commun avec l'association maçonnique.....

J'aime beaucoup plusieurs de vos beaux monuments architectoniques des temps passés et je m'intéresse vivement à votre pays. Je vous prie de recevoir l'assurance de ma considération très distinguée. — Berlin, 29 octobre 1868. C. Raczyński.

(Continúa).

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Foi approvada por aclamação a proposta apresentada pelo nosso digno presidente, na sessão da assembléa geral do mez de Abril, a fim de que uma commissão fosse ao paço d'Ajuda solicitar de S. A. o Principe Real nos concedesse a honra d'aceitar ser o presidente honorario e protector da Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes.

Tendo-se, pois, dirigido ao Paço a commissão composta do presidente em exercicio, o sr. Possidonio da Silva, dos dois secretarios srs. visconde de Alemquer e de Castilho, e dos srs. socios general Azevedo e Zepherino Brandão, no dia 10 de maio, á uma hora da tarde, recebeu-a Sua Alteza o Principe Real com a affabilidade que lhe é peculiar pelo seu bondoso caracter. Ouvindo do presidente o pedido para que se dignasse occupar na mesma Real Associação o logar de seu Augusto Avô El-Rei o Senhor D. Fernando de saudosissima memoria, Sua Alteza dignou-se acceder ao que a Associação tanto desejava, manifestando estar disposto a proteger este instituto, contribuindo com tudo que elle precisasse para o seu progressivo desenvolvimento.

Na mesma occasião a referida commissão felicitou o Augusto Principe, em nome da nossa Associação, pelo seu venturoso consorcio, o que Sua Alteza

agradeceu com bastante amabilidade. A commissão manifestou tambem ao Principe Real quanto a Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes lhe estava reconhecida por ter Sua Alteza protegido generosamente os estudos archeologicos em Portugal, facto glorioso que ficará assinalado na historia de tão illustrado Principe.

O sr. barão da Fonte Bella, digno socio effectivo da nossa Real Associação, fez-lhe uma offerta de subido apreço historico, mandando transportar da ilha de S. Miguel a capella portatil, na qual se disse a missa a que assistiram os 7:500 valorosos liberaes que deram á sua patria as regalias constitucionaes.

Essa reliquia historica que commemora o acrisolado patriotismo d'esses heroes, está patente no museu do Carmo, e se pelo seu merecimento artistico não causa admiração, certamente será contemplada com veneração pelos portuguezes, pois representa o altar da liberdade e da civilisação.

A bibliotheca da nossa associação recebeu uma obra artistica de grande apreço, constando de quatro volumes em 4.º com dezenas de excellentes gravuras de monumentos architectonicos de differentes estylos. Foi offerecida pelo nosso muito illustre socio effectivo sr. marquez de Vallada. De um fidalgo

de tão reconhecida illustração não se podia receber senão uma obra escolhida de superior merecimento como são todas as que ornão a bibliotheca d'este erudito e afamado cultor das letras.

Deliberou a assembléa geral que se effectuasse uma sessão solemne afim de se ler o elogio historico do chorado Principe El-Rei o Senhor D. Fernando, presidente de Honra e Protector da nossa Real Associação.

Foi convidado o distincto socio o sr. marquez de Vallada para se encarregar d'esse panegyrico, o que s. ex.^a acceitou do melhor agrado, não sómente para comprazer com a associação, como também prestar homenagem á memoria do finado que sempre respeitou com a veneração devida.

A assembléa geral da nossa associação approvou unanimemente a proposta do sr. Possidonio da Silva e o parecer do sr. Vilhena Barbosa, que publicamos n'outra secção, para se sollicitar dos Prelados Portuguezes que estabeleçam nos respectivos seminarios o curso de archeologia religiosa.

Esta resolução foi tomada em 2 de junho corrente.

O nosso consocio sr. Oliveira offereceu a esta associação o primeiro plano de construcção do real

palacio d'Ajuda, plano que foi elaborado pelo architecto Manuel Caetano de Sousa.

Agradecendo a offerta, folgamos ao archivar mais este trabalho de reconhecido merito.

Assim podessemos obter muitos outros, que se acham dispersos, e, talvez, perdidos.

Ao insigne architecto mr. Charles Garnier, socio honorario da nossa Real Associação, foi conferida a grande medalha de ouro da rainha Victoria destinada pelo Instituto Real dos Architectos Britannicos a laurear os mais importantes serviços architectonicos, em todos os paizes, dos mais celebres architectos.

Esta subida distincção ao architecto francez é a maior consideração tributada ao seu raro talento e illustração, e causou grande satisfação aos seus confrades portuguezes, que o felicitam.

Da provincia da Bahia foram offerecidos pelo sr. Cesar Ribeiro de Cerqueira cinco machados de pedra, e um fragmento de material extraído de um monumento prehistorico.

O digno socio sr. José da Nova Monteiro, residente na mesma cidade, offereceu igualmente á nossa Associação dois machadinhos votivos, tres cachimbos de barro de uso indigena, uma espada formada de madeira tendo por gume nos dois lados dentes agudissimos de peixe espadam.

NOTICIARIO

O 10.^o congresso internacional d'Anthropologia e d'Archeologia terá logar em Athenas no mez de agosto d'este anno, 1886.

Do *Diario de Noticias* de 27 de março ultimo:

PROPRIEDADE ONDE NASCEU DAMIÃO DE GOES

Foi vendida ha dias em praça, em Alemquer, por 11:200\$000 réis em execução movida contra os herdeiros do seu ultimo possuidor, o sr. Augusto Telles Machado, que falleceu em Africa, onde estava em commissão de serviço publico, a quinta do Barreiro, onde nasceu o illustre historiador Damião de Goes, no anno de 1801, em commemoração de cuja data a camara municipal d'aquelle concelho fizera ali collocar uma lapide no anno de 1884, por instancia do insigne architecto, o sr. Joaquim Possidonio da Silva.

Fizeram voar pelos ares um extraordinario rochedo, situado á entrada do porto de Nova York. Seis mil pés cubicos de rochedo ficaram destruidos pela explosão, estando a mina em communicação com uma bateria, e deixando depois um largo canal por onde poderam passar navios de alto bordo. No momento da explosão as vagas ficaram bastante agitadas, e um volume enorme d'agua misturada de blo-

cos de pedras e madeira quebrada subiu na altura de 150 a 200 pés; o que produziu um abalo em todos os bairros da cidade.

O sr. deputado Reis Torgal perguntou na camara ao governo se este tencionava obstar ao aniquilamento dos monumentos archeologicos que existem próximo de Thomar, no sitio onde esteve a antiga cidade de Nabancia.

O sr. ministro da fazenda declarou que o governo se interessa muito pela conservação dos monumentos nacionaes, quer artisticos, quer historicos, e que elle, orador, não tinha conhecimento do facto da camara municipal de Thomar mandar construir ali uma estrada.

Está reconhecido presentemente que os para-raios com haste de ferro são mais perigosos que uteis, e quanto maior altura tiverem mais contribuirão para destruir os edificios, devendo ser substituidos por pequenas pontas feitas de cobre.

A torre gigantesca de 300 metros, cuja construcção figurará na exposição de Paris em 1892, será toda de ferro; aos 70 metros de altura se estabelecerá uma grande plataforma onde haverá um *restaurant*. No cimo, debaixo da cupula, se poderá contemplar um panorama de 130 kilometros de extensão. Servirá também para observações astronomicas, principalmente para se apreciar o movimento da terra.